



ESTE BARCO É NOSSO! SOCIABILIDADES E ALTERIDADES PELAS MÍDIAS DIGITAIS

481

Regiane Cristina Tonatto
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Resumo: Em tempos e visões de mundo tão diferentes e contraditórias de ver o *Outro* e reconhecê-lo, buscamos formas de sociabilidade e caminhos de interação e participação de todos(as) num espaço plural. Vivemos num contexto marcado pelas relações em redes digitais, que se apresenta como um polo de convergência, na qual as conexões produzem força capaz de transformar a sociedade, as pessoas e as instituições. A escola apresenta-se como um local profícuo para diversas possibilidades de sociabilidade. Uma delas, por meio da comunicação mediada pelas mídias digitais. A pesquisa reúne as vozes presentes nesse lugar e as experiências que cercam a convivência humana lado a lado com as diferenças. Para isso, tece histórias e aventuras de pessoas com e sem deficiência incluídas na escola pública que atualmente é baseada na perspectiva inclusiva, e assim, responde à questão problema que a norteou: como a alteridade está presente num ciberespaço inclusivo e consciente e o que pensam jovens e adultos estudantes com e sem deficiência sobre as mídias em relação à acessibilidade? A conexão teórica da pesquisa mescla os estudos da identidade cultural e da diferença por meio da axiologia dos Estudos Culturais e o estudo da alteridade na filosofia de Lévinas. Assume a perspectiva qualitativa interpretativista de base etnográfica/netnográfica. Primeiro, para compreender como operam os discursos e as práticas sobre mídias e inclusão das pessoas com deficiência, o trabalho mapeia e discute trinta e sete (37) artigos, dissertações e teses provenientes da produção acadêmica latino-americana e caribenha no que tange as pessoas com deficiência e a educação. Com isso, decide pensar as tecnologias e suas mídias, não como mera aquisição de materiais, mas, além disso, como possibilidade de contribuir para ampliar os espaços e tempos da universalidade, bem como acesso e convívio nos espaços privilegiados de encontros. Segundo, produz um artefato tecnológico sob a ótica do binômio da inclusão/exclusão de estudantes com e sem deficiência na escola, com disponibilidade de acesso à todos(as) num esforço em proporcionar o intercâmbio de culturas. Assim, por meio da pesquisa, é criado um ambiente cibernético, um blog denominado “Este barco é nosso!”, que considera além dos princípios da universalidade, o reconhecimento do *Outro*, com consciência de que é por meio da preservação da heterogeneidade que se respeita às diferenças e supera-se a ideia do *Outro* semelhante a si mesmo. Esta dissertação apresenta pontos de reflexão sobre os desafios da escola diante dos temas: identidade, diferença, mídias digitais, inclusão e deficiência e discute as possibilidades das mídias digitais em “conectar” caminhos e constituir mapas de conexão. O blog, pensado sob a base epistemológica da alteridade, foi considerado pelos(as)



participantes da pesquisa um caminho de interação e participação de todos(as). O resultado é que a pesquisa culmina com a elaboração de um documentário que contempla os(as) personagens desse barco, sedimentando assim os rumos da alteridade em tempos de necessária universalização.

Palavras-chave: Mídias, ciberespaço, alteridade, inclusão/exclusão.

482

Abstract: In times and visions of the world so different from seeing the Other and recognizing it, we seek forms of sociability and paths of interaction and participation of all in a plural space. We live in a context marked by relationships in digital networks, which presents itself as a convergence pole, in which connections produce a force capable of transforming society, people and institutions. The school presents itself as a useful place for various plural possibilities, including by mediated communication through digital media. The research gathers together the voices present in this place and the experiences that surround human convivence side by side with differences. To do this, school tell stories and adventures of people with and without disabilities, that are included in the public school, which is currently based on the inclusive perspective, and thus answers the problem issue that guided it: how otherness is present in an inclusive and conscious cyberspace and what do the Young and adult students with and without disabilities think about the media in relation to accessibility? The theoretical connection of the research mixes the studies of cultural identity and difference through the axiology of Cultural Studies and the study of otherness in Lévinas' philosophy. It assumes the qualitative and interpretative perspective of ethnographic / netnographic basis. First, to understand how speeches and practices on the media and inclusion of people with disabilities operate, the study maps and discusses thirty-seven (37) articles, dissertations, and theses from latin american and caribbean academic production in terms of people with disabilities and education. With this, it decides to think about technologies and their media, not as just a materials acquisition, but also as a possibility to contribute to expand the spaces and times of universality, as well as access and conviviality in the privileged spaces of meetings. Second, it produces a technological artifact from the perspective of the inclusion / exclusion of students with and without disabilities at school, with available access to all in an effort to provide the exchange of cultures. Thus, through the research, a blog called "This boat is ours!" Is created, which considers beyond the principles of universality, the recognition of the Other, in the awareness that it is through the preservation of heterogeneity that it respects the differences and surpasses the idea of the other similar to itself. This dissertation presents reflection issues on the challenges of the school in front of the themes: identity, difference, digital media, inclusion and disability and discusses about the possibilities of digital media in "connecting" paths and forming connection. The blog, thought under the epistemological basis of otherness, was considered by the participants of the research, a way of interaction and participation of all. The result is that the research culminates with the elaboration of a documentary that contemplates the characters of this boat, thus consolidating the paths of alterity in times of necessary universalization.

Key words: Media, cyberspace, otherness, inclusion/exclusion.



INTRODUÇÃO

483

A escola revela-se um local profícuo para diversas possibilidades de comunicação mediada pelas mídias digitais, sendo uma instituição responsável por limitar e/ou ampliar conexões e relações estabelecidas na rede. Conforme Libâneo (1998), a escola é um espaço de síntese, ou seja, local onde estudantes e professoras(es) aprendem por meio da razão crítica a dar significado às informações e mensagens do meio, dando origem a síntese entre a cultura formal e a experienciada.

Para Canclini (2009, p. 235) “os conhecimentos necessários para se situar significativamente no mundo devem ser obtidos tanto nas redes tecnológicas globalizadas quanto na transmissão e reelaboração dos patrimônios históricos de cada sociedade”. A escola tem papel essencial nesse processo, pois a experiência tem mostrado que no ambiente escolar as mídias estão se integrando gradualmente.

Entretanto, é preciso garantir que o patrimônio da nossa sociedade possa ser acessado por todos(as) e em todos os lugares do mundo, afinal somos sujeitos plenos dos direitos fundamentais de igualdade e de condições, inclusive no âmbito digital.

Esta pesquisa nasceu do interesse em pesquisar a acessibilidade dos(as) estudantes às mídias digitais. Tal interesse surge do desejo de tecer histórias e aventuras de pessoas com e sem deficiência incluídas na escola pública e na educação brasileira atual, baseada na perspectiva inclusiva. E também, da ideia de reunir as vozes presentes neste lugar profícuo que é a escola e as experiências que cercam a convivência humana lado a lado com as diferenças.



Antes de conhecer as vozes que compuseram esta pesquisa, mapeamos e discutimos trinta e sete (37) artigos, dissertações e teses provenientes da produção acadêmica latino-americana e caribenha no que tange às pessoas com deficiência e a educação. Esse aporte teórico e temático contou como experiência e fonte de consulta diante dos objetivos e intenções que buscamos alcançar e nos possibilitou refletir como operam os discursos e as práticas sobre mídias e a inclusão das pessoas com deficiência na escola.

Foi neste momento que a conexão com os referenciais teóricos dos Estudos Culturais e o estudo da alteridade na filosofia de Lévinas (1906-1995) tornou-se imprescindível. Por meio do acesso aos diferentes estudos, de certa forma, foi possível assumir uma atitude metodológica, na qual decidimos pensar as tecnologias e suas mídias, não como mera aquisição de materiais, mas, além disso, como possibilidade de contribuir para ampliar os espaços e tempos da universalidade, bem como acesso e convívio, nos espaços privilegiados de encontros, os educativos.

O espaço escolhido para esta pesquisa foi uma escola destinada ao ensino de jovens e adultos. Localizada no município de Foz do Iguaçu no Estado do Paraná, na região de tríplice fronteira. Essa escola em questão, abriga um público-alvo geralmente composto por diferentes etnias, e classes etárias, econômicas e sociais bastante diversificadas. A função dessa instituição nesta investigação foi experimentar e auxiliar a construção de um ciberespaço desenvolvido com a intenção de ser uma ferramenta tecnológica/artefato cultural, consciente e inclusivo.

Este artefato tecnológico e cultural trata-se especificamente de um *blog* consciente e inclusivo criado por meio de um grupo de coautoras formado inicialmente por três mulheres com deficiências diferentes, que se dispuseram a compartilhar conhecimentos que permitiram toda esta interlocução, desde a construção do design até a escolha das postagens, além da providência de recursos assistivos.

Dessa forma, os objetivos desta pesquisa coadunaram-se a busca por caminhos de interação e participação de todos(as) num ciberespaço plural, em



tempos e visões de mundo tão diferentes e contraditórios de ver o *Outro* para reconhecê-lo em suas diferenças. Com isso, desde o início da criação deste artefato cultural, procuramos seguir os princípios da acessibilidade universal.

Com o caminhar da pesquisa, assumimos a perspectiva qualitativa interpretativista de base etnográfica/netnográfica. Foram duas metodologias experienciadas, a primeira, utilizada para a construção do artefato cultural, que contribuiu diretamente para solucionar e modificar o design, as postagens e o próprio conteúdo do artefato cultural desenvolvido, baseado nos estudos de Baranauskas, Martins e Valente (2013); e a segunda, técnicas de etnografia e etnografia virtual ou netnografia de Hine (2004), para analisar as mediações e as interações entre os(as) participantes dentro e fora do ciberespaço.

Por meio de postagens no *blog* que recebeu o nome de “Este barco é nosso!”, sobre o uso das mídias para a inclusão de pessoas com deficiência em seus diversos contextos, como na educação, nos esportes, nas atividades do cotidiano, alcançamos o espaço de observação dos estudantes. Esse alcance permitiu responder à questão problema que norteou esta pesquisa: como a alteridade está presente num ciberespaço inclusivo consciente e o que pensam jovens e adultos estudantes com e sem deficiência sobre as mídias em relação à acessibilidade?

Além disso, para historicizar a participação e interação de todos(as) aqueles(as) que fizeram parte da pesquisa, selecionamos as imagens e os trechos das narrativas e criamos um documentário de aproximadamente trinta (30) minutos, com janela de intérprete e descrição das imagens, que retrata o quanto a escola é um espaço de experiência e de conhecimento, de múltiplos encontros e infinitas possibilidades.

“ESTE BARCO É NOSSO!” - UM CIBERESPAÇO CONSCIENTE E INCLUSIVO



A cultura do ciberespaço ou a cibercultura, como forma de cultura, têm crescido exponencialmente nos últimos anos. Além de um local de encontro entre pessoas e culturas, tem se transformado num local de análise de movimentos de signos, dos jogos de linguagem, dos fluxos ininterruptos de informação. Pode também ser pensado numa perspectiva inclusiva, por meio da preocupação com a acessibilidade. Além do que, lá estarão os discursos e representações de muitos jovens contemporâneos.

Para compreender como operam os discursos e as práticas sobre mídias e inclusão das pessoas com deficiência presentes nestes espaços, analisamos títulos e resumos dos duzentos e cinquenta e um (251) registros da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e trezentos e cinquenta (350) do Banco da Biblioteca da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Desconsideramos alguns enunciados e/ou objetos de estudo: Educação Superior – Educación Superior; Educação Fundamental – Educación Primaria; Educação Infantil – Educación Infantil; e, emprego/trabalho – trabajo/empleo, que neste momento não eram o foco do nosso estudo. Com isso, resultaram trinta e sete (37) artigos, dissertações e teses de relevância, sendo que conteúdo destes foram analisados na íntegra.

Graças a este embasamento teórico, a pesquisa norteou-se pelos estudos da importância de ouvir e perceber o Outro, que inevitavelmente está conectado a nós e faz parte do mesmo contexto, sem desconsiderar representações ou significados, vozes ou até mesmo o silêncio.

Além disso, os textos discutidos nos fizeram refletir: se em todos os tempos e lugares enfrentamos a dicotomia inclusão/exclusão, poderíamos ter alguma esperança na alteridade? Talvez não existam respostas reconfortantes, porém, isso não significa desistir, pois, ainda nos resta lutar por uma sociedade plena e justa. Consideramos que essa seja a função social da pesquisa científica, principalmente vinculada à área interdisciplinar.

Bem por isso, mesmo enfrentando as caras feias de professores e professoras, nos desafiamos aqui num projeto que uniu dois grandes gargalos da



educação: formação em mídias digitais e a inclusão de pessoas com deficiência em espaços acessíveis comuns.

Nossa intenção com a criação do blog “Este barco é nosso!”, foi buscar soluções

para melhor comunicação entre todos(as) os(as) participantes, nos preocupamos inicialmente em atender ao design. São exemplos de aspectos técnicos do design: acessibilidade, adaptabilidade, estética, awareness (qualidade de estar vigilante, de perceber o que está acontecendo a sua volta), disponibilidade, escalabilidade (capacidade de expansão), metacomunicação, portabilidade, segurança e usabilidade. Foi especialmente neste nível que os desafios ou as barreiras de comunicação do ciberespaço consciente e inclusivo foram percebidos, clarificados e solucionados, mediados por significados e contribuições das coautoras e mais tarde, dos participantes do ciberespaço.

As relações humanas, segundo Martino (2015), estão relacionadas ao ato de compartilhar algo com alguém, no espaço da “intersubjetividade”. Para ele, comunicação é relação, e só existe quando os sujeitos estão preparados para falar, ouvir e compreender o *Outro*, portanto, requer alteridade. É neste ponto que nos encontramos com o desafio da comunicação nas mídias digitais: ver o *Outro*. As tecnologias de informação permitem, muitas vezes, o acesso, mas nem sempre constroem relações de comunicação umas com as outras, entre as diferenças.

Além da preocupação com o design, tivemos a oportunidade de descobrir a etnografia, etnografia virtual ou netnografia como meio de estudar as diferentes formas de pensar e estar com o *Outro* em alteridade no próprio ciberespaço desenvolvido. Isso foi possível graças às análises dos momentos de mediação e interação, tanto nos ambientes on-line quanto off-line, e das narrativas identitárias que os(as) participantes nos possibilitaram observar e registrar.

DOS ESTUDOS CULTURAIS E DA FILOSOFIA DE LÉVINAS



A preocupação com as diferenças encontra-se conexas ao caráter político dos Estudos Culturais. Como diria Castro-Gómez (2000, p. 158), para esse campo de estudo não seria interessante apenas estudar a hibridação das formas de vida, tampouco a articulação das diferenças, mas sim, visibilizar os “novos mecanismos de produção das diferenças em tempos de globalização”, e para isso, não há como esquivar-se da reflexão crítica das mudanças nas relações sociais sob interferência das mídias e os novos espaços de convivência com o *Outro* que elas inauguram.

Na defesa pelos direitos e participação social com base no aporte teórico dos Estudos Culturais, diversos olhares de autores latino-americanos desse campo de conhecimento, sinalizam que:

Os Estudos Culturais direcionam-se no sentido de questionar a ordem vigente e as tradições da cultura erudita que, ao longo dos séculos, vem contribuindo para segregar e marginalizar todos os outros que não se enquadram em seus contornos (DANTAS, 2011, p. 45).

Na formação das mídias digitais existe a ideia de que as novas tecnologias podem substituir as pessoas. Esse discurso deve ser desmistificado entre os profissionais da educação. A internet precisa ser vista como uma conquista da humanidade, mais um artefato social para o exercício da cidadania, da promoção da cultura e do desenvolvimento tecnológico. Nesse panorama alentador, quem sabe, pode se dar o contributo da escola, a qual se transformará em mais um braço na luta em defesa da liberdade de expressão, não de uma minoria, mas de todos(as), inserido nos fluxos de comunicação e conhecimento do mundo contemporâneo.

Assim como Moraes (2013), acreditamos pertencer a um período rico em relevância cultural em virtude da comunicação mediada pelas mídias digitais. Além disso, “a responsabilidade da comunicação na atualidade, para o pesquisador, decorre entre outros elementos dessa atuação política fundamental, criar pontes e vínculos entre as diferenças” (MARTINO, 2015, p. 270).

A busca de metodologias que permitam analisar culturas mediadas pelas mídias digitais é, a princípio, desafiadora. De forma socialmente consciente e incluyente, é ainda mais audacioso, porém, na nossa opinião, é fator indispensável



para pensar a relação eu-*Outro* na educação ou ainda, pensar a respeito da educação que se diz inclusiva.

A intenção da pesquisa, além de ouvir as pessoas dentro de um ciberespaço, estava em reconhecer a alteridade na interação dos sujeitos mediada pelas mídias na educação, com possibilidades reais de construção da paz sobre os alicerces da justiça como responsabilidade de cada um de nós.

O recorte temático e o caminhar metodológico nos aproximou ainda mais dos Estudos Culturais e da filosofia de Emmanuel Lévinas (2010; 2015). A leitura e reflexão sobre o pensamento deste último, nos provocou com a necessidade de perceber essa alteridade, porque nesse momento em diante, essa premissa, antecedia a qualquer pergunta, o esforço primeiro de “reconhecer o *Outro*”, apresentado pelo filósofo, como princípio integrador. No primado da ontologia, Lévinas (2010, p. 21) questiona: “Todo conhecimento das relações que unem ou opõem os seres uns aos outros não implica já a compreensão do fato de que estes seres e relações existem?”. E nos provoca ainda, para ele, ao questionar certas evidências estamos retomando problemas, muitas vezes esquecidos. Quem a escola deve incluir? Quem é diferente de quem? Essas indagações repercutem na análise de como pensar e como compreender as diferenças e o *Outro*.

Nesta relação de compreender o *Outro*, na filosofia Levinasiana, acabamos por exceder a tal compreensão. “Compreender uma pessoa é já falar-lhe. Pôr a existência de outrem, deixando-a ser, é já ter aceito essa existência, tê-la tomado em consideração” (LÉVINAS, 2010, p. 26-27). A diferença do *Outro*, muitas vezes perturba, porém, é essa diferença que significa liberdade. Não posso querer que o *Outro* seja como eu, mas me relacionar com o *Outro* depende de mim, é então, minha responsabilidade, “a alteridade só é possível a partir de mim” (LÉVINAS, 2015, p. 26).

Durante a permanência do blog, publicizamos sete postagens e realizamos cinco encontros presenciais na escola. Percebemos, durante este processo e a partir das interações e dos comentários que em função das especificidades das deficiências, principalmente entre deficiências visuais e auditivas, as relações eram



complexas, pois, um recurso que geralmente é uma possibilidade para um Surdo, é um limitante para a pessoa com deficiência visual, e vice-versa.

Portanto, não foram as ferramentas acessíveis e as adaptações que utilizamos que nos permitiram interpretar e construir significados, corrigir o curso e contribuir com a alteridade, mas sim, o encontro das diferenças. Elas só são percebidas no encontro entre mim e o *Outro*, o que nos permitiu avançar nas melhorias de comunicação acessível. Segundo a concepção filosófica de Lévinas: “Tais diferenças têm a ver com conjuntura Eu-Outrem, com a orientação inevitável do ser <<a partir de si>> para <<Outrem>>” (LÉVINAS, 2015, p. 211, grifo do autor). As prioridades não surgem sem orientações, porém, uma vez descobertas, a responsabilidade sobre o *Outro* passa a ser nossa e é isso, o que chamamos de alteridade.

Alteridade é uma característica, estado ou qualidade de ser distinto e diferente, de ser outro (MICHAELIS, 2016). Na filosofia contemporânea, Emmanuel Lévinas (2010; 2015) denomina de alteridade a relação com o *Outro*, que só existe a partir de mim. Para este autor, isso requer engajamento, acolhimento, responsabilidade e epifania.

OUTRAS HISTÓRIAS - O DOCUMENTÁRIO

O resultado da pesquisa culminou com a elaboração de um documentário que contemplou os(as) personagens desse barco, sedimentando assim os rumos da alteridade em tempos de necessária humanização e de importante luta pelos direitos humanos, incluindo eles: a acessibilidade na comunicação e a inclusão da diversidade nas escolas.

Face a face, frente a frente e lado a lado, o importante é que precisamos aprender a viver, ganhar ou perder, mas de todas as formas, juntos(as), sem inferiorizar nem heroificar. Dessa forma, sem roteiros, mas com a intenção de nos comunicar uns com os outros e de produzir encontros “lado a lado”, chegamos a



estas histórias, de toda a gente de verdade, que terminaram por fazer de uma pesquisa científica uma história, representada por meio de um documentário.

História essa vivenciada por jovens e adultos de diversas etnias, de pessoas em diferentes etapas do ciclo da vida (juventude, maturidade e velhice), de adolescentes em conflito com a lei ou em situação de risco, de estudantes com ou sem deficiência, de professoras e profissionais da educação, que convivem numa mesma escola e nos mostraram que a diversidade nos completa, nos enriquece e faz com que nos conheçamos, ou reconheçamos.

A experiência com o blog foi a chance de perceber novas formas de sociabilidade, representação e sentido da realidade, ampliou o contexto da nossa pesquisa e nos permitiu produzir novos conhecimentos. Nos proporcionou o exercício da liberdade ao narrar e tramar as histórias e nos fez pertencer que, naquele momento, fazíamos parte da história daquela comunidade.

491

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este estudo encontra-se no espaço de reflexões da comunicação e educação, nas relações entre os dois campos, mediada por processos comunicativos e interativos de compartilhamento de experiências e saberes. O desenvolvimento dos meios de comunicação impacta a educação, sendo que o processo inclusão/exclusão digital torna-se elemento de discussão para os pesquisadores da área.

Faz parte de uma dissertação de mestrado do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Foz do Iguaçu, que discutiu as possibilidades das mídias digitais em “conectar” caminhos, constituir mapas de conexão e que questionou e confrontou algumas práticas de significação em relação à inclusão educacional vivenciada após a implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).



Com ele, buscamos plantar algumas sementes para o futuro da inclusão educacional por meio das mídias digitais, historicizar e compartilhar não apenas as mesmas histórias de inclusão/exclusão, mas outras histórias, de “toda a gente de verdade”, e desmistificar certas verdades absolutas, para enfim, procurar reconhecer e enaltecer às diferenças encontrando possibilidades nos encontros com o *Outro*, com alteridade.

A escola, mesmo com todas as dificuldades que enfrenta, é um espaço rico e pleno para mudanças e transformações, porque, muito embora esteja repleta de desafios geracionais, culturais, econômicos e sociais, tem possibilidades indiscutíveis de coletividade, colaboração, integração, inclusão, alteridade, respeito, etc. Da mesma forma, o processo de formação de professores não tem fim, sendo inacabado por definição e será sempre possível enquanto existirem tais possibilidades de transformação.

Sabemos que a responsabilidade pela acessibilidade e inclusão não é apenas da escola, principalmente quando estamos falando de compartilhamento de informações e conhecimentos pelas redes digitais. Por isso mesmo, defendemos antes de mais nada, que o poder público cumpra seus deveres na garantia dos direitos dos(as) usuários à internet, quanto à neutralidade na rede, à proteção aos registros, dados pessoais e comunicações privadas, à liberdade de expressão e que a administração pública honre com os objetivos do Marco Civil da Internet, principalmente nos parâmetros de acessibilidade a todos(as) os(as) interessados e fortalecimento da participação social nas políticas públicas, na produção e veiculação de conteúdo digital público, comunitário e popular.

As transformações rumo à alteridade acontecem em conjunto e requerem atenção da sociedade; a forma como vemos o *Outro* depende de mim, mas a responsabilidade em relação ao *Outro* depende de todas(os) nós. Nesse sentido, encontramos no ciberespaço o local propício e fecundo para analisar os movimentos de signos, os jogos de linguagem, os fluxos ininterruptos de informação para refletir, identificar e buscar soluções diante de problemas de comunicação e participação, para criar novas conexões e relações.



REFERÊNCIAS

BARANAUSKAS, M. C. C.; MARTINS, M. C.; VALENTE, J. A. (Orgs.). **Codesign de redes digitais: tecnologia e educação a serviço da inclusão social**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial**. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, Senado Federal, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

CASTRO-GÓMEZ, S. Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la invención del otro. La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. **Perspectivas Latinoamericanas**. p. 145-163, 2000.

DANTAS, T. C. Jovens com deficiência como sujeitos de direitos: o exercício da autoadvocacia como caminho para o empoderamento e a participação social. 2011. 141 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

HINE, C. **Etnografia Virtual**. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. Tradução de Cristian P. Hormazábal. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

LÉVINAS, E. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. Tradução: Pergentino Stefano Pivatto...[et.al], (coord.). 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Totalidade e Infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. 3.ed. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa/Portugal: Edições 70, Ltd., 2015.

LIBÂNEO, J. C. Perspectivas de uma pedagogia emancipadora face às transformações do mundo contemporâneo. **Pensar a Prática**. 1:1-21, jan./jun.1998.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 19 nov. 2017.



MORAES, D. R. Da S. O Programa Mídias na Educação e na Formação de Professores/as: Limites e Possibilidades. 2013. 222f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, 2013.